

# ESTUDOS DIACRÔNICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA: ARCAÍSMOS PRESENTES NOS MANUSCRITOS DE PARANAGUÁ

*Joyce Elaine de Almeida Baronas*  
joyal@uel.br  
*Rebeca Louzada Macedo*

A língua portuguesa no Brasil é diversificada devido à constituição do povo em território nacional, visto que diversas etnias contribuíram para a coloração mesclada peculiar à nossa língua; além disso, é interessante ressaltar a constante alteração linguística consequente do passar do tempo. Podemos afirmar que fatores históricos, aliados à variação diacrônica, constituem fatores decisivos para a singularidade desta língua, portanto, com base em estudos diacrônicos do português brasileiro, buscamos compreender o desenvolvimento da língua no nosso país e identificar como a língua portuguesa tornou-se nossa, quais caminhos foram tomados para a formação de uma língua caracterizada como Português Brasileiro.

O objetivo desta pesquisa constitui relacionar a ortografia registrada em manuscritos de Paranaguá-PR, do século XIX, com o estudo de periodização da língua de Coutinho (1976). Assim, com base nos pressupostos teóricos sobre história da língua portuguesa, arcaísmos e periodicidade da língua e da ortografia no Brasil, foram analisados documentos antigos com foco especial nos arcaísmos gráficos, segundo a classificação de Coutinho (1976) e de Cunha e Cardoso (1978). Com estes estudos pretendemos situar os manuscritos de Paranaguá no curso da história da língua no Brasil, para melhor compreender o desenvolvimento desta no estado do Paraná.

## *1. Arcaísmos e mudança diacrônica*

Arcaísmo é o termo pertencente à data anterior àquela em que é empregado, ou seja, é o registro de palavras, expressões ou construções linguísticas antigas que, na dinâmica da língua, vão sendo preteridas por outras mais recentes, até que seu uso não mais seja efetivado na atualidade. No entanto, é preciso atentar para a relatividade desse conceito, pois, como afirmam Cardoso e Cunha (1978), "em rigor, não se pode falar em

arcaísmo a não ser em relação com o uso normal consagrado em certo momento da história de uma língua".

Como a língua é um sistema em constante mudança, tal processo ocorre principalmente através do tempo, exigindo assim um olhar diacrônico sobre os estudos linguísticos. Saussure (1972) afirma que a imobilidade da língua é inexistente, pois a mudança ocorre em todas as partes desta e cada período corresponde a uma evolução considerável, mesmo que a velocidade e intensidade sejam variadas, "o rio da língua corre sem interrupção" (SAUSSURE, 1972, p.163).

As mudanças deixam na língua resquícios: palavras, formas e pronúncias que atualmente não são mais utilizadas, ou que o são com uma conotação diferente da que antigamente era aplicada. Esses resquícios são o que nomeamos arcaísmos, os quais só podem ser estudados diacronicamente, ou seja, com o olhar voltado para trás, com a comparação entre a utilização da língua em certo período, que pode ser o atual e a sua utilização em períodos anteriores.

## 2. *Classificações dos arcaísmos*

Os arcaísmos são classificados, segundo Cunha e Cardoso (1978), em *léxicos, semânticos, sintáticos e morfológicos*. De acordo com os autores, os arcaísmos léxicos são os termos que perderam lugar no uso comum porque se tornaram desnecessários por estarem intimamente ligados a elementos culturais ou instituições que deixaram de existir, ou porque foram substituídos por sinônimos de ordem diversa, um exemplo de arcaísmo léxico é *bombarda*, que, segundo o dicionário Aurélio (2004), significa uma antiga máquina de guerra.

Os arcaísmos semânticos são os que continuam sendo utilizados, mas com conotação diferente daquela com que hoje são usados; por exemplo, o termo *saúde* que, segundo o dicionário Houaiss (2001), no século XIV era usado com denotação de *salvação*, e ainda com exemplo, a palavra *comprido*, que 1813 tinha o mesmo significado que atribuímos ao termo *cheio* atualmente, segundo Moraes Silva (1813, p.413, tomo primeiro).

Já os sintáticos são construções frasais que não são mais aplicadas atualmente, quanto à concordância, quanto à colocação, ao uso do anacoluta e à concordância do particípio e do objeto. Temos também os arcaísmos morfológicos, que são os se sujeitavam às normas que hoje não são

mais aplicadas no uso da língua, como por exemplo, *senhor* um termo que era invariável quanto a gênero.

Coutinho (1976) apresenta também uma classificação dos arcaísmos que se assemelha à apresentada por Cunha e Cardoso, diferindo em poucas características. Segundo o autor, existem duas grandes divisões, os léxicos ou de palavras e os sintáticos ou de construção.

Os léxicos são subdivididos em intrínsecos e extrínsecos. Os intrínsecos (p. 212, 213) são arcaísmos apenas por determinados aspectos, que podem ser: gráficos, como por exemplo: *aver, omem, onrra*; fonéticos, como por exemplo: *assi, seneficar*; flexionais: de gênero, como por exemplo: *planeta (f.), linhagem (m.)*, de número, como por exemplo: *afézeres, arraézes*, de pessoa, como por exemplo: *amades, devedes*; e semânticos, como por exemplo: *arreio (enfeite), partes (qualidades)*.

Os arcaísmos extrínsecos, na classificação de Coutinho (1976), são os que foram substituídos completamente por sinônimos, como o termo *atimar* que foi trocado por *concluir, executar* e o termo *abondo*, substituído por *suficiente, bastante*. A segunda grande divisão de Ismael de Lima Coutinho são os arcaísmos sintáticos, que consistem em formações frasais não utilizadas atualmente.

### 3. *Os períodos da língua portuguesa*

A nossa língua teve sua história dividida em períodos por muitos estudiosos para que pudéssemos entender as fases pelas quais esta passou. Existem duas principais maneiras de delinear os períodos de uma língua, uma delas é considerar os fatores externos, isto é, os fatores sociais e históricos; a outra é considerar os fatores internos, as mudanças na língua.

Coutinho (1976) apresenta uma classificação em períodos considerando as mudanças que a língua sofreu como fatores delimitantes, o seu objetivo é observar a história de maneira interna, tendo em vista também os fatores sociais e históricos. O autor demarca três períodos tomando a forma da escrita como marca principal; inicia pelo período que denomina de fonético, em que a não havia uma ortografia estabelecida e “escrevia-se não para a vista, mas para os ouvidos”, nas palavras de Coutinho (1976, p. 72).

Segundo o autor, esta fase coincide com a fase arcaica do idioma, desde os primeiros documentos redigidos em português até o século XVI. O objetivo desta escrita era tornar a leitura clara, assim não havia normas para a grafia, por isso em um mesmo documento é possível encontrar o mesmo vocábulo grafado de formas diferentes. Exemplos deste período são: (i) uso de vogais duplicadas para indicar a tônica da palavra, (ii) uso de maneiras variadas para indicar a nasalação (*til, dois acentos agudos, m ou n*).

Salientamos que a classificação deste período como “fonético” é fortemente questionada, Massini-Cagliari (1998) afirma que a escrita deste período não corresponde exatamente à oralidade, pois o princípio acrofônico não é seguido, isto é, não se encontra no nome de todas as letras o som ao qual correspondem e tampouco cada letra corresponde a apenas um som, assim a autora defende que a escrita da época trovadoresca consiste em ortográfica e a diferença entre esta e a escrita atual é a não unificação da ortografia no período de 1500. Por isso, a classificação deste período como fonético só pode ser considerada adequada se utilizada para contrapor à escrita etimológica. Neste trabalho seguiremos a classificação de Coutinho, todavia concordamos com a autora que tal classificação só se justifica para diferenciar o período anterior ao pseudoetimológico.

O segundo período exposto por Coutinho (1976) é o período por ele denominado pseudoetimológico em que se buscava escrever respeitando as letras originárias da palavra, essa grafia iniciou-se em meados do século XVI, quando surgiram os primeiros tratados ortográficos, e se estende até o século XX, portanto, buscaremos indícios deste período nos manuscritos de Paranaguá, do século XIX.

A busca pela etimologia não se dava apenas na língua latina, com o romantismo a origem foi procurada através de outras línguas, como o francês. Outras palavras tinham a sua origem etimológica desconhecida pelos escribas que, para conhecerem a etimologia dos vocábulos, precisariam conhecer outras línguas. Assim, devido às incertezas em relação à origem das palavras, à vacilação no momento da pronúncia, pois os vocábulos passaram a ser grafados com letras que não eram pronunciadas, deixando os leitores confusos, e aos disparates gráficos presentes na escrita de palavras com origem desconhecida, a escrita pseudoetimológica mostrou-se um tanto vaga e confusa, mostrando a necessidade da simplificação da língua.

Inicia-se então, o período simplificado com a publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana (1904), com o objetivo de buscar um equilíbrio entre o sistema fonético e a etimologia, além da padronização da língua. Gonçalves Viana apresenta, nesta ortografia, um grande número de vocábulos que não tinham a grafia justificada, simplificando palavras que estavam ornamentadas com letras que não influenciavam sua pronúncia e não se justificavam pela etimologia.

### 3.1. Análise do *corpus*

O *corpus* utilizado para esta pesquisa constitui parte do material pertencente ao projeto "Para a história do português paranaense: estudos diacrônicos em manuscritos dos séculos XVII a XIX" – PHPP, vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Trata-se de documentos manuscritos das antigas vilas do Paraná – que hoje constituem as cidades - mantidos no Arquivo Público de São Paulo. Salientamos que, no presente estudo, selecionamos os manuscritos de uma das cidades paranaenses, Paranaguá.

A partir dos comentários teóricos apresentados, consideramos que nos manuscritos de Paranaguá, no século XIX, dentre as palavras que encontramos redigidas de maneira diversa da conhecida atualmente, algumas apresentam forte relação com a sua etimologia, enquanto outras apresentam formas que demonstram a busca pela escrita etimológica e a falta do conhecimento necessário para que esta ocorra, fato observado por Coutinho (1976) e que levou o autor a denominar este período de pseudoetimológico.

Assim, estudamos cada arcaísmo presente nos manuscritos a partir de consultas no dicionário etimológico de Cunha (1986) e aos dicionários de época, Bluteau (1712) e Moraes Silva (1813), e distinguimos os arcaísmos pertencentes à escrita etimológica dos pertencentes à pseudoetimológica. A seguir, apresentamos os termos arcaicos extraídos dos manuscritos em análise.

Anno:

*Documento 121 "excedendo mais de anno" (l.4 e 5)*

*"por ter excedido mais de anno" (l.12 e 13)*

*Documento 124 "hum anno delisensa" (l.18)*

*Documento 125 "excedendo mais de anno, esendo aVizado" (l.4)*

*"excedido mais deanno" (l.11)*

*Documento 126 "26 de Abril deste Anno" (l.3)*

*"porfelises annos Villa deCoritiba em Camara" (l.6)*

Documento 127 “de **hum anno**, as **aprezentacem confirmadas**” (l.13)

Documento 129 “de 5 de Julho doCorrente **anno**, emque **prohibe**” (l.4)

“Excelencia de 26 deAbril deste **Anno** emque nos” (l.8)

Documento 130 “**aalguns annos**” (l.15)

“por **felices annos**. **Villa deCoritiba** em” (l.17)

Dicionário Bluteau (1712, p.385): “ANNO. Certamente fe deriva de Annus, mas não he certa a etymologia desta palavra latina.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, 2 ed., p.51): “**ano sm.** ‘tempo gasto pela Terra para dar uma volta em torno do Sol’ XIII. Do lat. *Annum*”

Approvedo:

Documento 122 “**approvedo em Cirurgia**” (l.1)

Dicionário Bluteau (1712, p.439): “APPROVADO. Participio Paffivo de Approvar. *Probatatus, Approbatus, a, um.*”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.642): “**provar vb.** ‘estabelecer a verdade’ ‘palantear, testemunhar’ XIII. Do lat. *prōbāre* || A **prov** AÇÃO | -çom | Do lat. *approbātīō – onis*”

Aquelle / aquella:

Documento 128 “**Mapas**, vago **aquelle** Posto” (l.8)

Documento 129 “**determina façamos aquellas** representaçoins” (l.9)

Dicionário Bluteau (1712, p. 457): “AQUELLE, Aquella, Aquillo. Pronomes, demonstrativos das coufas, ou das peffoas. *Ille, illa, illud, genit. Illius, dat, illi.*”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.67): “**aquele pron. m., aquela f.** ‘pessoa ou coisa mais ou menos afastada de quem fala’ XIII. Do lat. *eccu ille, eccu illa.*”

Attestar/Attestação:

Documento 122 “**Attesto** e<sup>f</sup>asso certo” (l.4)

Documento 124 “**como mostra da attestaçāo**” (l.7)

Dicionário Bluteau (1712, p. 630) “ATESTAC,AM. Certidāo. V. Atteftaçāo.”

(1712, p.630) “ATESTAR. Encher até cima, encher huma coufa vafia, até que de chea, appareça a fuperficie, como tendo lugar de Tetto.”

Obs.: O termo *Atteftaçāo* não consta nesse dicionário.

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.80): “**atestar<sup>1</sup> vb.** ‘afirmar ou provar em caráter oficial’ ‘testemunhar’ XIV. Do lat. *attestāre* (...) **atestar<sup>2</sup> vb.** ‘encher até ao texto ou borda, abarrotar’

Cavallo:

Documento 121 “**Pois andava sempre paciando tanto a Cavallo**” (l 9)

Dicionário Bluteau (1712, p. 208): “CAVALLO. Animal quadrupede, nobre, fiel, & generofo, cuja propriedade natural he rinchar, & cuja utilidade he taõ notória, como faõ notáveis os ferviços, que faz ao homem na caça, na guerra, (...)”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.168): “cavallo *sm.* ‘animal mamífero da ordem dos perissodáctilos’ XIII. Do lat. *caballus.*”

Contheudo:

Documento 126 “**inteligenciados doSeo contheudo**”(l.4)

Dicionário Bluteau (1712, p. 498): “CONTEUHDO, Conteúdo. O contheudo em huma carta.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.211): “**conteúdo** → CONTER..” “**conter vb.** ‘ter ou encerrar em si’ ‘compreender, incluir’ | XIII, *contener* XV | Do lat. *contīnēre* || **conteúdo adj. sm.** ‘diz-se de, ou aquilo que se contém nalguma coisa’ XIII”

Deos:

*Documento 126 “Deos guarde aVossa Excelencia” (1.5)*

*Documento 128 “Deos Guarde a Vossa Excelencia muitos anos” (1.11)*

Dicionário Bluteau (1712, p. 64): “DEOS. He o Ente fupremo, Ente por effencia, Ente, cuja effencia é ser, Ente independente, do qual todos os Entes dependem, (...)”

Dicionário Moraes Silva (tomo primeiro, p.609): “DEUS, s.m. A Etymologia, e a pronuncia concorrem a ensinar, que assim se escreva; mas V. *Deos* por uso.”; “DEOS, s. m. O Ente Supremo, Infinito em todas as suas perfeições, Sempiterno, Criador do Universo.” Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.259): “**deus** sm. ‘princípio supremo que as reigiões consideram superior à atureza’ XIII. Do lat. *dēus dei*”

Dous:

*Documento 121 “que o suplente teve de mim dous mezes de licença” (1.3)*

*Documento 125 “oSargento teve demim dous” (1.1)*

Dicionário Bluteau (1712, p.299): “Dous, & Duas. Número, que dobra a unidade.”

Dicionário Moraes Silva (tomo primeiro, p.641): “DOUS, adj. articular numeral, que val um, e mais um individuo de qualquer espécie.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.275): “**dois** num. ‘2, II’ | XVI, *dous* XIII | (...) Do lat. *duo, duae*(no acus. *duos, duas*)

Elle/ella:

*Documento 125 “pella parte que elleSuplicante” (1.16)*

*Documento 129 “cumprimento aella, talvez por” (1.21)*

*Documento 130 “villa, Suspendendo-o do abuso por elle” (1.7)*

Dicionário Bluteau (1712, p.28): “ELLE. Pronome relativo. *Ille, is*. Raras vezes Fe exprime em Latim effe pronome, porque de ordinário fe diz, (...)”

Dicionário Moraes Silva (tomo primeiro, p.652): “ELLE, adj. articular, que se ajunta aos nomes, para se mostrar, que é o individuo, de que se falou antecedentemente: (...)”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.287): “Do lat. *ille*”.

Felices / felises:

*Documento 126 “porfelises annos Villa deCoritiba em Camara” (1.6)*

*Documento 130 “por felices annos. Villa deCoritiba em” (1.17)*

Dicionário Bluteau (1712, p.69): “FELICE, Felice, Venturofo. O que vive contente. O a que não falta nada (fallando nas peffoas, & nas coufas) *Felix,icis. Omn. gen. Fortunatus, ou beatus, a, um*.”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.21): “FELICE, adj. Feliz.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.353): “Do lat. *fēlīx -īcis*”.

Hé:

*Documento 121 “para não hir he que” (1.7)*

*“Vossa Excelencia eSenhorias hé que as podem” (1.13)*

*“He o que posso emformar aVossa Excelencia” (1.17)*

*“Hé o que paço informar aVossa Excelencia eSenhorias” (1.18)*

*Documento 125 “para não hir hê que deu parte que seachava em huzo” (1.6)*

*Documento 128 “Hé oque posso” (1.9)*

*Documento 127 “hé que. já notempo, emque eu” (1.9)*

Dicionário Bluteau (1712, p. 598): “SER. O Infinitivo do verbo fubfativo, & auxiliar, Eu foy, tu es, elle he, nós fomos, vós foyes, elles fão, &c. *E]]e, ]um. es. Eft. fummus, eftis, ]unt*.”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.690): “SER, (...) v. g. *Deus he immortal* (...)”.

Hir:

*Documento 121 “para hir aVila de Coritiba” (1.4)*

*“para hir levar as” (1.5)*

*“para não hir he que” (1.7)*

*Documento 125 “24 de Junho de1816 para hir aVilla” (1.2)*

*“para hir levar as recrutas aVilla deSantos naOcaziao” (1.5)*

*“para não hir hê que deu parte que seachava em huzo” (1.6)*

Dicionário Bluteau (1712, p.36): “HIR, ou Ir. Paffar de hum lugar para outro, com movimento proprio ou alheyo em befta, ou carruagem. *Ire, abire, (eo, is, ivi, itum.) (...)*.”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.180): “IR, v. n. (do Lat. *ire*, sem *h*, que é desnecessário para a pronúncia, nem para mostrar a etimologia, nem nas variações táes como *ia; ias, iamos, ieis, ião;* ...) Passar de um lugar para o outro, por si, ou levado: (...)”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.445): “Do lat. *īre*”.

Huzo:

*Documento 125 “para não hir hê que deu parte que seachava em huzo” (1.6)*

Dicionário Bluteau (1712, p.595): “Uso. O ferviffe do que foi feito para algum fim. O que Fe emprega em coufa para a qual não foi feita, propriamente fallando, não fe ufa.”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.824): “ÚSO, s. m. Costume, estilo, prática.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.806): “Do lat. *ūsāre*, freqüentativo de *ūtī*”.

Hum/Hũa/Huma:

*Documento 122 “padece hũa affecção denervos, e hũa inflamação” (1.7)*

*Documento 124 “hum anno delisensa” (1.18)*

*Documento 127 “de hum anno, as apresentacem confirmadas” (1.13)*

*Documento 129 “Seacha registada huma Regia” (1.13)*

*Documento 130 “Seguindo-se daqui huma Carga oneroza” (1.13)*

Dicionário Bluteau (1712, p.67): “Hum. Principio dos números, *Uum, a um.*”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.820): “UM, adj. artic. masc. (*uma, ou ũa, fem.*) que limita o nome a que se ajunta indicando individuo unico da espécie, mas incerto: (...)”.

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.802): “Do lat. *ūnus*, (...)”.

Ilustrissimo:

*Documento 126 “Ilustrissimo eExcelentissimo Senhor” (1.1)*

*“Ilustrissimo eExcelentissimo Senhor João Carlos” (1.9)*

*Documento 129 “Ilustrissimo eExcelentissimo Senhor” (1.1)*

Dicionário Bluteau (1712, p.53): “ILLUSTRE. O título de *illufstre* antigamente no Império Romano, era taõ honorífico que não fó fe dava ás peffoas mais calificadas (...)”.

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.131): “ILLUSTRE, adj. Nobre, esclarecido por nascimento (...)”.

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.425): “Do lat. *illustris*. ”

Melicia:

*Documento 122 “Melicias da villa deParanagua” (1.6)*

*Documento 124 “Regimento de Arthilharia de Millissias” (1.5)*

*Documento 127 “Melitar, para Comfirmar; penna” (1.15)*

*“indicada, do Concelho Supremo Melitar” (1. 24)*

Dicionário Bluteau (1712, p. 487): “MILÍCIA. A arte militar.”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, 299): “MILÍCIA, s.f. A arte militar.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.521): “Do lat. *militans -an- tis*”.



Mezez:

Documento 121 “*que o suplente teve de mim **dous mezes** de licença*” (1.3)

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.298): “MEZ, s. m. O espaço de trinta pouco mais ou menos, o uma duodecima parte do Anno: (...)”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.515): “Do lat. *mensis*, da raiz \**mēn*, a mesma que ocorre no gr. *mēnē* ‘lua’ e *mēn* ‘mês’”.

Officio/Official:

Documento 126 “*Recebemos o**Officio** de Vossa*” (1.2)

Documento 127 “*o **Officio** de Vossa Excelencia*” (1.2)

“***Official**, na Conformidade domesmo **Officio***” (1.8)

“*avizados todos os **Officiais***” (1.10)

“*do **Officio**, que para grassa lhes concediaõ*” (1.26)

Documento 128 “***Officio** que lhes derigi, fazendo os assentos*” (1.3)

“*mais obrigaçãõ este **Official**, nem os mais*” (1.5)

Documento 129 “*Sendo nós envista o**Officio** de Vossa*” (1.7)

Documento 130 “***Officiemos** do Reverendo Vigario*” (1.6)

Dicionário Bluteau (1712, p.47): “OFFICIAL de qualquer obra de mãos. *Opfex*, ou *artifex*, *icis*. *Mafe*. Cic.

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.360): “OFFICIAL, s.c. O homem, ou mulher, que faz algum officio manual, e mecânico, e talvez se contrapõe a *Mestre*.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.558): “Do lat. *officiālis*”.

Penna:

Documento 127 “*Melitar, para Confirmar; **penna***” (1.15)

“*os incursos na **penna** do Cômisso*” (1.28)

Dicionário Bluteau (1712, p.396): “PENNA. Pluma de aves. A materia volatil, que cobre o corpo das aves, & as sustenta no ar.” “PENA. Castigo que fe dá, ou trabalho que fe padece contra a fuá vontade.” (p. 384)

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.454): “PENA, s. f. Mal físico, ou moral, que se faz soffrer a quem commetteo delicto, crime, pecado.”

Dicionário etimológico(1986, p.592): “Do lat. *poena -ae*, deriv. do gr. *poínē*”.

Pella:

Documento 125 “***pella** parte que **elle**Suplicante*” (1.16)

Dicionário Bluteau (1712, p. 380): “PELLA. Vid. *Pêla*.” “*PÊLA*, ou Pella. Jogo nobre, que joga em Portugal com alguma differença das outras nações.” (p.375)

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p. 422): “PELA: palavra composta de *per*, e do antigo *a*, em vez de *por a* (V. *Per*), e o *l* por eufonia.

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.592): “**pelo**. *contr.* da prep. PER com o pron. *lo*. XIII”.

Phamacia:

Documento 122 “*e **pharmacia**, Cirurgiaõ do partido desta villa*” (1.2)

Dicionário Bluteau (1712, p.476): “PHARMÁCIA.. Deriva-fe do Grego *Pharmachi*, que val o mefmo que Medicamento, ou de *Pherein acos*, que no Grego quer dizer, Dar focorro.”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.446): “PHARMACIA, s. f. Parte da Medicina, que ensina a preparar, e conservar as drogas medicinâes, e remédios. (*Farmácia*)”.

Etimologia, Cunha (1986, 2 ed., p.349): “Do lat. tardio *pharmacia*, deriv. do gr. *pharmakéia*”.

Proibir:

*Documento 130 “desta Camera, que tal abuzo **prohibe**” (l.10)*

Dicionário Bluteau (1712, p.768): PROHIBIR. Ordenar, mandar a alguém que não faça algũa coufa. (Veto, vetui, (...)).

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.511): “PROHIBIR, v. at. Defender, vedar, mandar que se não pense, diga ou faça alguma coisa: (...)”.

Etimologia, Cunha (1986, p.638): “Do lat. *prohibēre*”.

Seo:

*Documento 121 “tractar de seos Negocios” (l.4)*

*“já no seo Requerimento aponta aVossa Excelencia” (l.15)*

*“e Senhorias que o seo Coronel” (l.16)*

*Documento 124 “recuzo oseo Coronel” (l.10)*

*Documento 125 “deCoritiba tratar deSeos negocios” (l.3)*

*Documento 129 “Seos Vassalos; equerendo nós dar” (l.24)*

*Documento 130 “eque nenhum deSeos antecessores” (l.12)*

Dicionário Bluteau (1712, p. 591): “Seo. O que he de algũa peffoa, como coufa propria, & fua. *Vid. Seu.*”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.689): “SEO. V, *Seio*, e V. *Seu.*”; “SEU, adj. Possessivo, val o mesmo que delle, ou della, delles, ou dellas.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p. 719): “Do lat. *sūūs, sūa*. Na forma do masculino é visível a influência do pron. *Meu.*”

Subditos:

*Documento 126 “Os mais reverentes **Subditos**” (l.11)*

*Documento 130 “Osmais reverentes **subditos**” (l.20)*

Dicionário Bluteau (1712, p.757): “SUBDITO. O que tem obrigação de obedecer ao feu Prelado, Principe, Rey, &c.”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.730): “SÚBDITO, s. m. SÚBDITA, s. f. Pessoa que he sujeita ao pai, Rei, Senhor.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.741): “Do lat. *subditus*, part. pass. de *subdere* ‘pôr debaixo’ ‘submeter’.

The:

*Documento 129 “18 deAbril de1807 sem que **the** agora” (l.20)*

Dicionário Bluteau (1712, p.624): “ATE, Até. Propofição que serve de limitar certo tempo, lugar, número, (...)”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.221): “ATÉ, prep. (de *hactenus*) Indica a relação de termo: (...)”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.79): “Do ár. *hattā*.”

Tractar:

*Documento 121 “tractar de seos Negocios” (l.4)*

Dicionário Bluteau (1712, p.257): “TRATAR em algum genero de mercancia.”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.801): “TRATAR, v. at. Haver-se, portar-se com alguém, bem, ou mal;”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.785): “Do lat. *tractāre*.”

Villa:

*Documento 122 “e **pharmacia**, Cirurgiaõ do partido desta **villa**” (l.2)*

*“Melicias da **villa** deParanagua” (l.6)*

*Documento 125 “24 de Junho de1816 para **hir aVilla**” (l.2)*

- “para **hir** levar as recrutas a**Villa** deSantos naOcaziao” (l.5)  
 “Servido **Villa** deParanagoa” (l.18)  
 Documento 126 “por**felises annos Villa** deCoritiba em Camara” (l.6)  
 Documento 128 “**Villa** de Coritiba14 de setembro de 1819” (l.12)  
 Documento 130 “por **felices annos. Villa** deCoritiba em” (l.17)  
 “**villa**, Suspendendo-o do abuso por **elle**” (l.7)  
 Dicionário Bluteau (1712, p.489): “VILLA. Povoação aberta, ou cercada, que nem chega a cidade, nem he tão pequena, como Aldea.”  
 Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.852): “VILLA, s. f. Povoação de menor gradação que a Cidade, e superior a aldeia, tem juiz, camara, e pellourinho.”  
 Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.822): “Do lat. *villa*.”

## Conclusões

A partir dos pressupostos teóricos e dos dados identificados, consideramos que, em Paranaguá, no século XIX, dentre as palavras que encontramos redigidas de maneira diversa da conhecida atualmente, algumas apresentam forte relação com a sua etimologia, enquanto outras apresentam formas que demonstram a busca pela escrita etimológica e a falta do conhecimento necessário para que tal escrita, fato observado por Coutinho (1976) e que levou o autor a denominar este período de pseudoetimológico.

Exemplos da escrita etimológica são:

Villa:

- Documento 122 “e **pharmacia**, Cirurgiaõ do partido desta **villa**” (l.2)  
 “**Melicias da villa** deParanagua”(l.6)  
 Documento 125 “24 de Junho de1816 para **hir aVilla**” (l.2)  
 “para **hir** levar as recrutas a**Villa** deSantos naOcaziao” (l.5)  
 “Servido **Villa** deParanagoa” (l.18)  
 Documento 126 “por**felises annos Villa** deCoritiba em Camara” (l.6)  
 Documento 128 “**Villa** de Coritiba14 de setembro de 1819” (l.12)  
 Documento 130 “por **felices annos. Villa** deCoritiba em” (l.17)  
 “**villa**, Suspendendo-o do abuso por **elle**” (l.7)  
 Dicionário Bluteau (1712, p.489): “VILLA. Povoação aberta, ou cercada, que nem chega a cidade, nem he tão pequena, como Aldea.”  
 Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.852): “VILLA, s. f. Povoação de menor gradação que a Cidade, e superior a aldeia, tem juiz, camara, e pellourinho.”  
 Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.822): “Do lat. *villa*.”

Subditos:

- Documento 126 “Os mais reverentes **Subditos**” (l.11)  
 Documento 130 “Osmais reverentes **subditos**” (l.20)  
 Dicionário Bluteau (1712, p.757): “SUBDITO. O que tem obrigação de obedecer ao feu Prelado, Principe, Rey, &c.”  
 Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.730): “SÚBDITO, s. m. SÚBDITA, s. f. Pessoa que he sujeita ao pai, Rei, Senhor.”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.741): “Do lat. *subditus*, part. pass. de *subdĕre* ‘pôr debaixo’ ‘submeter’.

A seguir, exemplos da grafia pseudoetimológica:

Hum/Huã/Huma:

Documento 122 “*padece hũa affecção denervos, e huã inflamação*” (l.7)

Documento 124 “*hum anno delisensa*” (l.18)

Documento 127 “*de hum anno, as apresentacem confirmadas*” (l.13)

Documento 129 “*Seacha registada huma Regia*” (l.13)

Documento 130 “*Seguindo-se daqui huma Carga oneroza*” (l.13)

Dicionário Bluteau (1712, p.67): “Hum. Principio dos números, *Uum, a um.*”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.820): “UM, adj. artíc. masc. (*uma, ou ãa, fem.*) que limita o nome a que se ajunta indicando individuo unico da espécie, mas incerto: (...)”.

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.802): “Do lat. *ūnus*, (...)”.

Hir:

Documento 121 “*para hir aVila de Coritiba*” (l.4)

“*para hir levar as*” (l.5)

“*para não hir he que*” (l.7)

Documento 125 “*24 de Junho de 1816 para hir aVilla*” (l.2)

“*para hir levar as recrutas aVilla de Santos naOcaziao*” (l.5)

“*para naõ hir hê que deu parte que seachava em huzo*” (l.6)

Dicionário Bluteau (1712, p.36): “HIR, ou Ir. Paffar de hum lugar para outro, com movimento proprio ou alheyo em befta, ou carruagem. *Ire, abire, (eo, is, ivi, itum.)* (...)”

Dicionário Moraes Silva (tomo segundo, p.180): “IR, v. n. (do Lat. *ire*, sem *h*, que é desnecessário para a pronúncia, nem para mostrar a etimologia, nem nas variações tões como *ia; ias, iamos, ieis, ião;* ...) Passar de um lugar para o outro, por si, ou levado: (...)”

Dicionário etimológico, Cunha (1986, p.445): “Do lat. *īre*”.

Concluimos que 14 dos 30 arcaísmos encontrados são etimológicos, apresentando características latinas, como o *h* em *prohibir* ou a geminação do *n* em *anno*. As outras 16 palavras apresentaram traços semelhantes, como exemplo: geminação do *l* em *milícia* e *h* em *hum/huma*; porém estas ocorrências não se justificam a partir da etimologia. Com base desta análise, podemos enquadrar os manuscritos de Paranaguá no período pseudoetimológico, tal constatação pode nos levar à melhor compreensão da língua portuguesa em território nacional uma vez que dados empíricos reforçam uma classificação clássica estabelecida em 1976.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO Público do Estado de São Paulo. *Seleção de manuscritos paranaenses. CD ROM*, inédito.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. São Paulo: USP, 1979.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 1986.

CUNHA, Celso, CARDOSO, Wilton. *Estilística e gramática histórica*. Português através do texto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

GONÇALVES VIANA, A. R. *Ortografia nacional*. Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1904.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S.; *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KATO, M. e ROBERTS, I. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica?. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, 1998.

MORAES SILVA, Antônio de. *Grande dicionário da língua portuguesa*, Lisboa: Confluência, [1813] (1949-1959).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix/USP, 1972.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.